
CARLOS ANTONIO AGUIRRE ROJAS

Facultad de Economía de la UNAM
(Universidad Autónoma de México)

O Capítulo Americano: Início da “Verdadeira” História Universal

75

As novas obras produzidas e os resultados da investigação resultante do fenómeno de moda produzido pelas comemorações espanholas do quinto centenário da chegada de Colombo à América voltam a tornar patente o carácter ainda algo semi-virgem e pouco explorado da história do mundo e da civilização latino-americanos, bem como a imensa quantidade de problemas que ainda permanecem por abordar e desenvolver na história moderna do subcontinente.

E isso não somente em termos da explicação e interpretação históricas dos processos essenciais do devir latino-americano, como também inclusivamente ao simples nível da investigação documental e do trabalho rigoroso de reposição dos “factos”.

Procurando olhar um pouco para além de Outubro de 1992, é interessante assinalar algumas novas vias de investigação manifestadas em consequência desta breve conjuntura intelectual provocada pelas referidas comemorações.

Que significado tem, a cinco séculos de distância, a chegada de Cristóvão Colombo a solo americano? A que se deve a iniciativa espanhola de “celebrar”, em larga escala e com grande alarido, este acontecimento? E como explicar a importante e prolongada reacção anticelebratória desencadeada contra a iniciativa espanhola?

A nosso ver, o “pequeno escândalo” criado em torno de todo este processo do quinto centenário da chegada de Colombo à América ⁽¹⁾ só se pode compreender a partir de uma leitura que o situe no quadro específico em que se gerou e em função do qual adquire o seu verdadeiro sentido: a disputa pela eventual liderança no interior da projectada unificação europeia, inicialmente programada para este mesmo ano de 1992 ⁽²⁾.

**A leitura do
passado a
partir do
presente**

⁽¹⁾ Preferimos referir desta maneira o acontecimento de 1492, justamente devido à preocupação de *descentrar* o espaço a partir do qual ele é observado. Sobre as possíveis e diversíssimas designações deste evento — desde “celebração” até “resistência”, passando por “contacto”, “invasão”, “encontro”, “descobrimiento”, “invenção”, “encontrão”, “conquista”, “choque civilizacional”, “ocidentalização”, “hispanização”, etc., etc. —, veja-se, por exemplo, a discussão contida em ‘Rumo a 1492’, em *Nexos* 168, de Dezembro de 1991.

⁽²⁾ Sobre o reequacionamento numa perspectiva histórica desta unificação europeia, v. Wallerstein, 1988.

E isso porque, como nos ensinam alguns teóricos “pós-modernos” da história — e como havia proposto Lucien Febvre há já algumas décadas — ⁽³⁾, é verdade que um elemento importante do conhecimento histórico consiste em confrontar o passado com as perguntas e com os problemas do presente imediato a partir do qual o próprio historiador trabalha e reflecte. Tese importante esta, que aponta para a relativização racional das verdades históricas alcançadas pelos historiadores e que pareceria ter uma ilustração paradigmática nesta iniciativa espanhola de festejar os 500 anos do acontecimento ocorrido em 1492.

E também porque aquando do seu lançamento original — num contexto que era o da Europa anterior a Novembro de 1989, e que portanto apresentava um panorama totalmente distinto do actual —, o que a comemoração dos 500 anos visava era o relançamento da imagem da Espanha dentro da Europa, sublinhando aquilo que constituía, aos olhos da própria Espanha, a sua maior conquista civilizacional: a construção do mundo ibero-americano. Deste modo, a exemplo da França, que transformou o Bicentenário da Revolução Francesa numa forma de festejar o legado francês aos povos do mundo e num mecanismo de difusão da imagem da França na Europa e no mundo ⁽⁴⁾, a Espanha propunha-se também servir-se desta oportunidade para celebrar o seu papel dentro da comunidade europeia e mundial.

No entanto, e como aconteceu com tantas outras coisas, o esquema original das comemorações desfez-se após 9 de Novembro de 1989. A unificação alemã e a incorporação de todos os protagonistas da Europa Oriental no processo da história imediata vieram redefinir de uma forma decisiva os termos da unificação europeia tal como havia sido programada, traçando cenários e correlações de força absolutamente novos para os diversos países da Europa Ocidental.

Ao mesmo tempo, e complementando este quadro de rivalidades inter-europeias pré e pós-1989, assistiu-se à organização, nas frentes mais diversas e heterogéneas, da réplica ou contra-ofensiva dirigida contra a iniciativa espa-

⁽³⁾ Veja-se sobretudo Febvre, 1992. Quanto à posição pós-moderna — a qual exagera a tese de Febvre até à conclusão absurda de que a história não seria mais do que a sucessão dos diferentes “discursos históricos”, das diferentes leituras sucessivas de um passado efectivamente inapreensível —, v. Veyne, 1979, e de Certeau, 1985. Por outro lado, em Dosse, 1991 encontra-se uma crítica global a esta posição.

⁽⁴⁾ Sobre a reacção dos próprios Franceses em face do Bicentenário, consultar a pesquisa resumida no livro de Garcia *et al.*, 1991.

nhola: desde a ressurreição, em certas paragens e sob novas modalidades, dos estudos históricos que propagaram a “lenda negra” da conquista espanhola, até à iniciativa institucional dos governos latino-americanos promovendo “cimeiras ibero-americanas” para fazer sentir a sua presença no evento, passando pelo movimento organizado dos “500 anos de resistência indígena, negra e popular” ou pelo foro dedicado à “Emancipação e Identidade da América Latina 1492-1992”⁽⁵⁾.

No lapso de tempo compreendido pelos últimos três anos, o projecto de comemoração do quinto centenário mudou completamente de sentido e de perspectivas, acabando por perder uma parte importante dos seus “altos voos” iniciais ao “incinerar-se” um pouco juntamente com a misteriosa destruição do pavilhão (precisamente) ibero-americano da exposição universal de Sevilha, em consequência de um incêndio a todos os títulos estratégico.

Não restam dúvidas de que, não obstante essa trajectória imprevisível e curiosa do projecto espanhol, toda a iniciativa em torno do quinto centenário veio desencadear uma evidente moda académica que por sua vez gerou uma nova onda de estudos e ensaios acerca da história, das realidades e da situação actual da América Latina⁽⁶⁾. Todos os institutos, departamentos e centros de estudos latino-americanos de uma grande parte das universidades dos mais diversos países do mundo se viram de novo atirados para primeiro plano, começando a receber fundos e apoios institucionais para contribuírem com o seu saber específico relativo ao significado e às repercussões do evento de 1492.

E como todas as modas académicas, também a do quinto centenário teve um efeito duplo: por um lado fazer proliferar os livros, ensaios e artigos — de qualidade, seriedade e profundidade muito díspares, como é lógico — dedicados a temas afins ou atinentes à história da América Latina durante os últimos cinco séculos; por outro lado divulgar e lançar luz sobre o actual estado de desenvolvimento dos estudos

**Modas
académicas
e realidades
historiográficas
diversas**

⁽⁵⁾ Sobre estes últimos, ver as declarações dos encontros oficiais do movimento dos “500 anos de resistência...”, bem como os livros publicados pelo Foro “Emancipação e identidade...”. *La interminable conquista* (1990) e *Nuestra América contra el V Centenario* (1989).

⁽⁶⁾ Para mencionar apenas alguns “reflexos” desta situação na França, veja-se Claude Lévi-Strauss, *Histoire de Lynx*, a nova compilação de estudos com prefácio de T. Todorov intitulada *Le nouveau monde*, o livro de Jacques Attali, 1492, ou a obra de Serge Gruzinski e Carmen Bernard, *Histoire du Nouveau Monde*.

históricos relativos à trajectória evolutiva do subcontinente latino-americano.

Numa visão de conjunto, as novas obras produzidas e os resultados da investigação resultante desta moda dos 500 anos voltam a tornar patente o carácter ainda algo semi-virgem e pouco explorado da história do mundo e da civilização latino-americanos, que são os mais jovens do planeta (7). À luz do debate suscitado em torno de 1992, pode verificar-se a imensa quantidade de problemas que ainda permanecem por abordar e desenvolver na história moderna da América Latina. E isso não somente em termos da explicação e interpretação históricas dos processos essenciais do devir latino-americano, como também inclusivamente ao simples nível da investigação documental e do trabalho rigoroso de reposição dos "factos".

Na América Latina de hoje, neste ano de 1992, encontramos ainda na etapa de inventariar, recuperar e classificar uma grande parte de arquivos e de fontes dos mais diferentes tipos, trabalho esse que em muitos casos se alia à investigação e à interpretação históricas propriamente ditas. Assim, ao mesmo tempo que andamos a reconstituir os acervos documentais e que procedemos à reclassificação de velhos maços de documentos, vamos incorporando os novos métodos da história comparada e da história global no esforço de busca de realidades de longa duração e na recuperação de novas técnicas da história serial ou da mais recente interpretação iconográfica.

Nas ciências sociais e na historiografia contemporâneas da América Latina são ainda escassas as histórias gerais do período moderno, enquanto por outro lado os métodos e técnicas desenvolvidos pela historiografia europeia há já várias décadas surgem como inovadores e aguardam a devida aplicação aos diferentes temas e períodos da nossa história, que decerto lhes reserva um terreno fértil na ampliação dos espaços e dos tempos da nossa ainda jovem civilização (8).

Novos temas da historiografia latino- -americana

Deste modo, e procurando olhar um pouco para além de Outubro de 1992, é interessante assinalar algumas novas vias de investigação manifestadas em consequência desta

(7) Permita-se-nos remeter o leitor para o nosso artigo de 1988 "Os problemas e as tarefas do historiador na América Latina".

(8) Razão pela qual resultaram tão inovadores e estimulantes, no nosso meio, os trabalhos de, entre outros, François Chevalier, Celso Furtado, Enrique Florescano ou Antonio García de León.

breve conjuntura intelectual provocada pelo quinhenténario da aportagem colombina ao território americano.

Uma primeira linha de investigação refere-se à própria periodização desta curta história — história de alguns séculos, e portanto ainda não milenar — de civilização latino-americana. Porque os historiadores latino-americanos, passando por cima dos tradicionais cortes cronológicos medidos segundo períodos de 100 anos perfeitamente delimitados e transcendendo também a classificação demasiado genérica de uma história “colonial” à qual se teria sucedido uma história “independente”, tomam já por assente que os séculos *históricos* são sempre diferentes dos séculos cronológicos e que correspondem a realidades e temporalidades diversas, numa articulação complexa com o movimento geral que lhes confere sentido. Assim, estes fiéis seguidores de Clio descobriram que o relógio americano anda a um ritmo muito mais próximo do movimento dos “tempos do mundo”, bem como dos compassos e circuitos específicos do mercado mundial capitalista e da expansão da economia-mundo europeia destas mesmas épocas.

Em face do exposto, vemos desagregar-se o antigo conceito de “período da história colonial”, agora substituído pelo reconhecimento de três momentos claros e muito heterogéneos da vida latino-americana. Inicialmente temos um “vasto século XVI”⁽⁹⁾ que na América vai desde 1492 até 1630-50, período caracterizado pelo fluxo cada vez mais intenso de metal americano em direcção à Europa — coincidentemente com o projecto “utópico” dos conquistadores de levar a cabo a “refundação” da Europa na América —, pela catástrofe e pela aniquilação demográficas e civilizacionais das antigas populações indígenas e pelo primeiro assentamento — mais de conquista do que de colonização, nestas épocas — e reconhecimento sistemáticos e orgânicos dos Espanhóis no espaço americano.

Vasto século XVI esse, um século mais “europeu” que americano da história latino-americana⁽¹⁰⁾, e que só vai terminar, com o decréscimo significativo das quantidades de ouro e prata exportadas da América para a Europa e com o movimento depressivo da economia europeia, nesse

⁽⁹⁾ Vasto século XVI que foi postulado por Fernand Braudel em vários dos seus artigos e obras principais. Veja-se por exemplo o seu interessante ensaio “European Expansion and Capitalism, 1450-1650” (Braudel, 1961).

⁽¹⁰⁾ No meu artigo “Fernand Braudel e a Invenção da América” (Rojas, 1990) procurei esboçar alguns traços mais específicos do papel da América Latina na então emergente história universal.

“aletargado século XVII” que vai de 1630-50 a 1715-30 e durante o qual os vínculos da Espanha com a América se tornam mais ténues e se distendem ao ponto de quase abandonarem “à sua própria sorte” as colónias americanas do Império Espanhol.

Esses mesmos tempos, que na Europa são uma época de preços persistentemente baixos e de refluxo nas áreas do comércio, da indústria e da agricultura, com o continente a voltar-se para dentro de si mesmo em termos sociais e civilizacionais, na América Latina são os tempos dos primeiros mercados regionais organizados de maneira mais autónoma, do florescimento de uma cultura e de um *ethos* barroco *mais* característicos do nosso subcontinente e não tanto das matrizes europeias que lhe estão na origem: época, enfim, marcada por uma primeira tentativa de reconstrução civilizacional, e que esboça uma virtual — e nunca consolidada — protoeconomia-mundo que no seu conjunto é latino-americana ou até americana ⁽¹¹⁾.

O século XVII, um período essencialmente de depressão na Europa e de inventividade na América, vai também terminar na terceira década do século XVIII, para dar lugar ao “quase esquizofrénico” século XVIII histórico. Neste último, o comércio legal com a península coexiste com um tráfico de mercadorias quase equivalente mas levado a cabo pelas vias do contrabando e da pirataria, ao mesmo tempo que ao lado dos fluxos e das presenças da cultura metropolitana começam a germinar os elementos bem distintos da cultura crioula, que de facto mais não é do que uma variante específica da cultura barroca atrás mencionada. Trata-se, pois, de um século em que se assistiu à fracassada tentativa hispana de recuperar as rédeas do processo latino-americano, tentativa essa que coexiste com o facto cada vez mais evidente de, à excepção da própria Espanha, não haver ninguém, nem na Europa nem na América, interessado em que os povos latino-americanos continuem sob o domínio espanhol.

Dito de outro modo, um século rico em lógicas e processos contraditórios, em constantes desencontros dos seus diferentes elementos constitutivos, em contradições e insta-

⁽¹¹⁾ Projecto necessariamente falido este, o de uma economia-mundo americana ou latino-americana, e que abortou não apenas por falta de tempo para se afirmar e constituir, mas também devido à condição afinal *periférica* da América Latina em relação à economia-mundo europeia, então em processo de expansão. Sobre a expressão que esse esboço fracassado da protoeconomia-mundo americana do século XVII teve no plano *cultural*, v. García de León, 1992.

bilidades dos mais diversos tipos, os quais desembocam quase naturalmente nos movimentos independentistas e na subsequente crise aguda e prolongada que após os anos vinte do século XIX cronológico vai abrir a fase inicial desse caótico e acidentado século XIX histórico. Aí se encerra aquilo que antes foi genericamente conhecido por “etapa colonial”, e se assiste à destruição radical do vínculo de dominação política e sujeição económica legalmente *exclusiva* da Espanha em relação às colónias americanas. O movimento da Independência abre o ciclo do difícil século XIX latino-americano, caracterizado em parte por uma intensa busca das novas e emergentes identidades protonacionais dos diversos povos latino-americanos.

É este um século de reconstrução e de auto-exploração para a América Latina, durante o qual, à força de revoluções sucessivas, de transformações económicas e sociais profundas, de lutas permanentes e nada pacíficas entre grupos, caudilhos, facções, blocos e tendências — de carácter simultaneamente económico e militar, e de cariz tanto social como político-ideológico e regional —, se vai construindo o perfil bizarro da modernidade capitalista latino-americana, em que coexistem lado a lado o proprietário pré-capitalista e o moderno burguês fabril e industrial, o peão “*acasillado*” e semi-escravo das plantações que produzem directamente para o mercado mundial capitalista e o moderno empregado do banco regional ou do comércio local. Enfim, um século XIX complexo e mais dilatado que o limite cronológico do ano de 1900, o que, prolongando a sua existência até 1918-40, acabou por criar o cimento da situação contemporânea da América Latina (cujo horizonte volta agora a articular-se com o final do pequeno século XX, que por sua vez acabou os seus dias em 1989, fazendo-nos assim entrar mais cedo no terceiro milénio).

A nova periodização da história latino-americana, se bem que ainda num estado de hipótese em vias de discussão, permitiu no entanto renovar os quadros de referência gerais do processo civilizacional do subcontinente nos últimos cinco séculos, tornando possível recolocar em novos termos a análise dos fenómenos, dos ciclos e das durações históricas que se foram desenvolvendo no decurso deste mesmo lapso de tempo.

Uma segunda linha de inovação dos estudos históricos latino-americanos é a que se desenvolve em torno da reela-boração interna e do reenquadramento, a partir de novos

campos, da história económica da América Latina tal como anteriormente era abordada. Assim, foi nos últimos 25 anos que se começou a fazer a história dos preços, dos salários, das produções e das regalias verificados nas diversas regiões, empresas ou produtos das economias regionais da América Latina. Recuperando então as técnicas da história quantitativa e serial, os investigadores latino-americanos conseguiram já superar as velhas classificações da indústria, agricultura e comércio, para passar ao estudo concreto e pormenorizado das séries evolutivas de um determinado produto estratégico da reprodução popular, dos movimentos dos salários em certos pontos urbanos que servem de índice global fiável, ou das subidas e descidas das curvas de um ramo industrial maioritário no conjunto de uma economia específica.

Estamos, assim, perante um movimento de reclassificação interna das áreas da história económica tradicional, movimento esse acompanhado também de um reequacionamento desta mesma economia e da sua vinculação estreita a novas áreas da investigação histórica. Fazendo então aproximar a análise dos processos económicos e (por exemplo) os resultados de uma inovadora demografia histórica — que só há escassos lustres começou a dar os seus primeiros passos seguros —, a historiografia latino-americana começa a interrogar-se sobre a diversa configuração étnica do subcontinente, cruzando as diferentes curvas evolutivas dos vários grupos étnicos que confluem no espaço americano com os desenvolvimentos das hierarquias e desigualdades sociais e com a difusão e inter-relação de diversos comportamentos e categorias económicos, recuperando deste modo o papel fundamental do mapa ainda heterogéneo e multi-racial da América Latina (Rojas 1992).

Uma tal abertura e aproximação à história demográfica decorre em paralelo com uma aproximação igualmente importante às dimensões geográficas da realidade latino-americana e provoca verdadeiramente um florescimento e uma multiplicação inusitados da história regional. Os esquemas e as explicações gerais foram questionados e reelaborados, em face do contributo desses universos mais restritos que são as multifacetadas e sempre ricas e variadas regiões da América Latina. Recuperando e problematizando a complexa noção dos diversos espaços possíveis que balizam e são balizados por essa "individualidade histórica

em movimento" que é a região ⁽¹²⁾ — espaços sem dúvida económicos, mas também sociais, culturais, geo-históricos, políticos —, a historiografia da América Latina conheceu um florescimento nesta via específica da perspectiva regional, multiplicando do mesmo passo as peças do quebra-cabeças que deve conformar as histórias macro-regionais e nacionais das diversas zonas do subcontinente.

Um terceira linha de análise nova é a que começa a desenvolver-se no campo dos fenómenos da cultura. Procurando ir para além do processo mais óbvio e manifesto da mestiçagem biológica ou racial, os investigadores latino-americanos começaram a interrogar-se sobre a evolução, mais densa e complicada, do processo de mestiçagem *cultural* (Todorov, 1989). Como é lógico, este facto levou-os a redefinir a própria teoria da cultura em geral, reformulando assim as premissas do complicado processo de inter-acção das culturas indígena e europeia, que tendem a "devorar-se" reciprocamente e que mutuamente se boicotam para no entanto acabarem por gerar essa peculiar cultura barroca que se caracteriza por afirmar através da negação e negar afirmando, por meio de um processo que dramatiza até ao limite as formas, perante a incapacidade real de transformar a fundo os conteúdos.

Cultura barroca latino-americana que, inclusivamente, se projectaria de uma forma mais global como *ethos* barroco, como um esquema de comportamento presente nas múltiplas aculturações culinárias de indígenas e espanhóis, nas singulares estruturas políticas latino-americanas, nos códigos linguísticos americanos, e na simbologia e nas formas de consciência religiosa dos nossos povos.

Se, finalmente, nos interrogarmos sobre o que é que o ano de 1492 verdadeiramente representa, apenas poderemos responder deslocando o evento em causa — sem dúvida fundamental — de modo a situá-lo dentro das coordenadas estruturais mais profundas que lhe outorgam o seu verdadeiro sentido: enquanto acontecimento simbólico dos processos essenciais à época vividos pelos homens, 1492 é muito mais do que mero emblema da incorporação de um novo continente no diálogo com a civilização europeia, então

**O ano de 1492
numa perspec-
tiva histórica**

⁽¹²⁾ Continua em aberto a polémica em torno da definição e dos critérios de delimitação da região. Para a concepção desta última como "individualidade histórica", veja-se o interessante artigo de Marc Bloch "L'île-de-France" (Bloch, 1983).

em processo de expansão. Na realidade, essa é a data emblemática do nascimento da *verdadeira história universal*, chegada ao mundo ao mesmo tempo em que surge a modernidade capitalista ainda hoje vigente à escala planetária.

Porque como já nos havia explicado Fernand Braudel, o "capítulo americano" da expansão da economia-mundo europeia não é mais do que o primeiro episódio de um processo mais amplo, processo a que Marx chamava com justeza formação do mercado mundial capitalista, cujas redes e estrutura básica constituíam o esqueleto ou suporte *materia*l da verdadeira universalização histórica.

Seguindo uma tal lógica, poderíamos então colocar a nós mesmos a pergunta: não seria, antes, de comemorar os 500 anos de existência da história universal? ou de festejar talvez o quinquentenário da modernidade capitalista actual? Confrontados com estas interrogações, responderíamos que, mais do que comemorar os cinco séculos do nascimento da história universal e da modernidade capitalista, bem gostaríamos de comemorar o fim desta mesma modernidade e o renascimento de uma história universal fundada em sociedades livres e emancipadas da lógica de exploração do trabalho assalariado. Ainda que para tais festejos tenhamos que esperar até um pouco para além de 1992. ■

Tradução de João Paulo Moreira

Referências Bibliográficas

- | | | |
|---|------|--|
| Attali, Jacques | 1991 | 1492, Ed. Fayard. |
| Bloch, Marc | 1983 | "L'Île-de-France. (Les pays autour de Paris)", <i>Mélanges historiques</i> , tomo 2, Ed. Serge Fleury / EHESS. |
| Braudel, Fernand | 1961 | "European Expansion and Capitalism, 1450-1650", in <i>Chapters in Western Civilization</i> , Columbia University Press. |
| Dosse, François | 1991 | "Clio en el exilio", <i>Secuencia</i> 21. |
| de Certeau, Michel | 1985 | <i>La escritura de la historia</i> , Ed. UIA. |
| Febvre, Lucien | 1992 | <i>Combats pour l'histoire</i> , Paris, Colin. |
| Garcia, Patrick;
Lévy, Jacques;
Mattei, Marie-Flore | 1991 | <i>Revolutions, fin et suite</i> , Espaces Temps. |
| Garcia de León,
Antonio | 1992 | "El caribe afroandaluz: permanencias de una civilización popular", <i>La Jornada Semanal</i> , 135 (enero) |
| Gruzinski, Serge;
Bernard, Carmen | 1991 | <i>Histoire du Nouveau Monde</i> , Ed. Fayard. |
| Lévi-Strauss, Claude | 1991 | <i>Histoire de Lynx</i> , Ed. Plon. |
| Mortiz, Joaquín | 1990 | <i>La interminable conquista</i> , Planeta. |
| Nuestra América... | 1989 | <i>Nuestra América contra el V Centenario</i> , Bilbao, Ed. Txalaparta. |
| Rojas, Carlos
Antonio Aguirre | 1988 | "Los problemas y las tareas del historiador en América Latina", <i>Estudios</i> , 1, Universidad de San Carlos, tercera época. |
| Rojas, Carlos
Antonio Aguirre | 1990 | "Fernand Braudel y la 'invención de América'", <i>La Jornada Semanal</i> , 72 (octubre). |
| Rojas, Carlos
Antonio Aguirre | 1992 | "La construcción étnica de América Latina", <i>La Jornada Semanal</i> , 143 (marzo). |
| Rumbo a 1492 | 1991 | "Rumbo a 1492", <i>Nexos</i> 168, diciembre. |
| Todorov, T. | 1989 | <i>La conquista de América. El problema del otro</i> , Siglo XXI. |
| Todorov, T. | 1992 | <i>Le nouveau monde</i> , Ed. Les belles lettres. |
| Veyne, Paul | 1979 | <i>Comment on écrit l'histoire</i> , Paris, Ed. de Seuil. |
| Wallerstein,
Immanuel | 1988 | "Réflexions à partir de Fernand Braudel", in <i>La question méditerranéenne</i> , Paris, Ed. de Seuil. |